

**Documento de Registro de Entrevista para o site MHEPTCPS**

**Centro Paula Souza**

**MEMÓRIAS E HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO PROFISSIONAL E TECNOLÓGICA**

**Percurso Histórico**

**Programa de História Oral na Educação**

**com**

**Camila Polido Bais Hagio**

**Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica**

**São Paulo/SP**

**2020**

## Ficha de cadastro

Tipo de entrevista: História oral de vida

Entrevistadora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Instituição: Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec) do Centro Paula Souza

Levantamento de dados preliminares a entrevista:

A professora Camila Polido Bais Hagio é curadora do Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas, em São Paulo/SP, criado em 1998, por ela que é professora-pesquisadora com projetos anuais de HAE (horas atividades específicas) na Unidade de Ensino Médio e Técnico (Cetec), e desde que ingressou no Grupo de Estudos e Pesquisas em Memória e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP), em 2016. A professora tem vários artigos publicados em livros de memórias institucional.

Elaboração do roteiro da pesquisa: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Local da entrevista: online, pelo *teams*

Data da entrevista: 3 de setembro de 2020

Técnico de gravação: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Duração: 42 minutos e 25 segundos

Número de vídeos: um

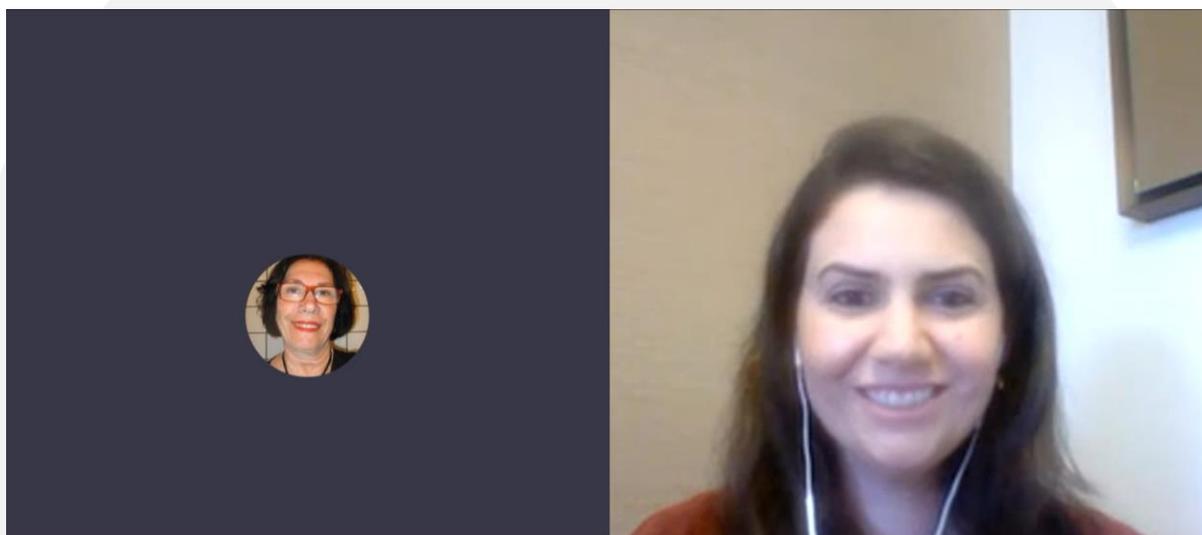
Transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Número de páginas: 18

## Sinopse da entrevista

A entrevista foi realizada no contexto do projeto “História Oral na Educação: memória do trabalho docente”, que vem sendo realizado pelo Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, criando um volume

específico e denominado “História oral na educação: docentes em centros de memória” com a participação de curadores em centros de memória, proposto pela entrevistadora durante a pandemia do Covid 19, como teletrabalho institucional, e com as gravações realizadas pelo *teams*, com a proposição de difundi-las dentro do programa História oral na Educação no site de memórias, em percurso histórico. Informo que a imagem da entrevistadora não aparece, exceto como foto de 2013, devido ao Computador pessoal da marca Acer, embora novo, apresentar problemas entre o drive e a câmera, identificado durante o trabalho remoto na pandemia, conforme indica a imagem a seguir:



Entrevista realizada online, pelo teams, em 03/09/2020.

### **Transcrição da entrevista**

Data da transcrição da entrevista: de 18 de fevereiro a 12 de março de 2025

Nome da transcritora: Maria Lucia Mendes de Carvalho

Retorno da colaboradora: 9 de abril de 2025

**Maria Lucia Mendes de Carvalho (MLMC):** Bom dia, Camila.

**Camila Polido Baís Hagio (CPBH):** Bom dia.

**MLMC:** Professora Camila Polido Baís Hagio, eu, Maria Lucia Mendes de Carvalho, agradeço muito você hoje, dia 3 de setembro de 2020, estar concedendo essa entrevista para nós, do Centro de Memória da Educação Profissional e Tecnológica do Centro Paula Souza, para o Programa de “História Oral na Educação: memórias do trabalho docente”. Esse convite para você participar desse CD que nós pretendemos montar com os curadores de centros de memória, ele vem porque, da importância do seu trabalho de ter retomado as instalações do Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas. Um projeto que começou lá na Historiografia, com a professora Júlia Falivene. É uma das primeiras escolas públicas técnicas que veio para o Centro Paula Souza, em 82. E daí foi muito gratificante você ter aceitado, e desde o período que você teve interesse de entrar para o projeto, você tem, ano a ano, apresentado projetos. E esse ano, no início do ano, publicou um catálogo muito importante sobre as obras raras encontradas no Centro de Memória da escola. Então, eu gostaria muito que você falasse da sua trajetória, da sua história de vida, onde você estudou, como é que você decidiu pela sua profissão de arquiteta, que professores te marcaram para essa decisão, como é que surgiu, como você decidiu ser professora e, finalmente, como você ingressou no Centro Paula Souza.

**CPBH:** Ótimo. Eu agradeço o convite também para contar um pouco desse meu processo. Como você comentou, eu sou arquiteta, eu me formei na UNESP, em Bauru, e eu nasci em Americana, no interior de São Paulo, e meu pai é arquiteto. Então, acho que muito dessa escolha, da minha carreira, vem da minha família. Então, eu sempre gostei muito, via ele, acompanhava ele em obra, já começava a desenhar. Então, foi muito isso.

**CPBH:** E, na época que eu estava meio que estudando, para prestar vestibular, eu não queria ficar na minha cidade, eu queria ir morar fora. E aí, eu fiz a opção por só prestar Universidade Pública e fiquei muito feliz que passei na UNESP e fui morar em Bauru. Eu morei lá por cinco anos, gostei muito da formação, da estrutura da universidade. Ela tem um foco bastante na formação do indivíduo. Então, eu achei que foi muito válido essa experiência. E, depois que eu me formei, eu gostei muito da parte de artes. Eu acho que é muito importante a gente, como arquiteto, buscar outras referências, que não seja só arquitetura. Então, eu fui fazer uma especialização em Artes Visuais. Aí, eu fiz essa especialização na UNICAMP.

**CPBH:** Na época, eu estava morando novamente em Americana, passei um período por lá e foi lá que eu iniciei a minha carreira de docente. Então, quando eu me formei, eu voltei para o interior, para Americana, e trabalhei num escritório de arquitetura de um dos arquitetos lá de São Paulo, de Americana, e Roberto Rampazzo. Foi bem bacana, aprendi muita coisa lá.

Só que, aí, com uma dica do meu pai, ele falou: - Olha Camila, como arquiteto, às vezes, a gente não tem projeto todo mês. Então, é importante a gente ter um emprego fixo, alguma coisa que segure um pouco que a gente consiga administrar as contas. E, meu pai, ele é professor há mais de 40 anos na Etec Polivalente de Americana. E, aí, ele me deu essa dica. Ele falou: - Olha, muitas vezes, o que segurava o meu escritório eram as aulas. Então, tinha concurso aberto na época e eu prestei.

**CPBH:** Logo depois que eu me formei, eu tinha seis meses de formada. Foi muito rápido. E eu amei dar aula, gostei muito, comecei com uma aula só. Então, essa experiência foi bem bacana e, até hoje, eu continuo dando aula e, hoje, a minha atividade principal é dar aula. E, aí, eu também, junto com as aulas continuei trabalhando nesse escritório. Meu atual esposo, ele morava em São Paulo e a gente resolveu que a gente iria se casar. E, aí, eu falei: - bom, então eu vou para São Paulo. Ele tinha um emprego aqui já, um emprego bom. E, como a gente trabalha numa rede estadual, eu tinha a possibilidade de conseguir transferência. Então, eu trabalhei para isso e, aí, em 2010, eu me mudei para São Paulo.

**CPBH:** Eu comecei trabalhando na Etec Carlos de Campos. Foi a primeira unidade que eu consegui aulas, né, quando eu fiz essa transferência para o interior. Eu fiquei uns dois anos trabalhando em Americana e em São Paulo. Então, alguns dias da semana eu ficava lá para trabalhar na Etec Polivalente e alguns dias da semana aqui na Etec Carlos de Campos. E foi numa formação de docente do Centro Paula Souza, naquela formação, o antigo Esquema 1, que eu conheci alguns professores e, aí, me indicaram que estavam precisando de professor na Getúlio Vargas. Então, eu aproveitei, né, e entrei em contato com o corpo docente da GV e comecei a dar aula lá na GV.

**MLMC:** Em que ano você fez o Esquema?

**CPBH:** Eu fiz em 2010, o ano que eu vim para São Paulo. E, aí, em 2011, eu comecei a dar aula na GV. E, aí, eu continuei na GV e na Carlos de Campos. Aí, eu me desliguei mesmo da Etec de Americana, do interior. Então, eu fiquei só aqui na capital, nas duas escolas. E, aí, em 2012, eu ingressei no mestrado.

**CPBH:** Eu fiz... eu sou mestre, em "Arquitetura e Design". Fiz esse mestrado na Universidade de São Paulo. E, como eu comentei, eu gostei muito da questão da docência, da área acadêmica. E a ideia era me aprofundar, buscando novos cursos, novas formações. E, aí, fiz o mestrado. Eu o apresentei em 2014. E, com o mestrado, eu acabei me afastando, das aulas

da Carlos de Campos. E fiquei só com as aulas da Getúlio Vargas. Era mais fácil, para... Eu moro mais perto da Etec Getúlio Vargas e eu consegui conciliar melhor as aulas com o mestrado. Apenas em uma unidade.

**CPBH:** E, em 2014, também, eu tive a minha filha, a Manoela. E, logo depois da... Eu acabei optando por deixar algumas aulas. Então, eu fiquei com uma carga horária bem reduzida. Eu tinha carga quase completa nas Etecs. Aí, eu acabei optando por só voltar para Getúlio Vargas com uma carga horária mais reduzida para poder me dedicar a ela. E, aí, nesse momento de retomada das aulas, tudo, eu fiquei sabendo, em uma reunião pedagógica, a professora Aoki (Ana Maria Aoki Gonçalves) foi lá e comentou que tinha um projeto de História das escolas e que a Getúlio Vargas não tinha ninguém. Então, nesse momento, eu falei: - nossa, é interessante, porque eu gosto dessa parte, acho que tem um pouco de história, tem a ver com a minha formação em arquitetura. E eu tinha disponibilidade de horário, porque eu estava com uma carga horária reduzida.

**CPBH:** Então, em 2016, eu fui ao primeiro encontro do grupo de História e Memória do Centro Paula Souza, que a Maria Lucia coordena. E foi um encontro bastante marcante, porque estava a Júlia (Júlia Falivene Alves) e a Carmen (Carmen Sylvia Vidigal Moraes), as professoras que começaram esse projeto, de Historiografia nas primeiras escolas públicas, né, voltadas para o ensino profissional. E a fala delas foi muito inspiradora, e aí eu falei: - não, eu realmente quero ingressar no projeto.

**CPBH:** E aí, depois desse momento, eu conversei bastante com a Maria Lucia. Tive, assim, o final de 2016 para conhecer um pouco mais o que era o projeto, como a GV se encaixava, né, nessa história, e o que já tinha sido feito. Porque já teve, esse projeto desenvolvido anteriormente na Getúlio Vargas. Então, na época que as professoras Carmen e Júlia montaram, por volta dos anos 2000, a Getúlio Vargas era uma das integrantes. Inclusive, fizeram um trabalho bem, muito bem-feito, vários professores ficaram envolvidos, a professora Nilza Ruth (Nilza Ruth de Camargo) estava lecionando junto comigo, então eu a conheci, que foi uma das pioneiras, na implantação do projeto e do centro de memória na Getúlio Vargas. Eu troquei bastante informações com ela, e ela me contou, que elas tinham um espaço físico, eles tinham organizado todo o material para esse centro de memória, desde a fundação da escola, que é em 1911, até a década de 50, que era o período que compreendia o projeto que tinha esse vínculo com a FAPESP. E só que por conta, de um desinteresse da direção, enfim, o projeto perdeu o espaço, não tinha mais aquele espaço físico, e ela também não tinha mais projetos, relacionados a esse centro de memória.

**CPBH:** E aí, em 2016, eu falei: - não, eu vou retomar. E a primeira coisa que eu vi, né, a gente estava... todo o material que elas tinham selecionado, catalogado, eles estavam em um depósito, trancado lá, em um depósito na nossa escola. E tinham muitas caixas, e a que me chamou mais atenção foi a caixa de livros raros. Então tinha lá muitas caixas com esse nome, e eu falei: - nossa, eu quero ver o que tem aqui dentro. Então eu fui, aos poucos, abrindo e vendo as caixas. Tinha livros, tem, a gente tem alguns livros antigos de arquitetura, que foram os primeiros que eu comecei a mexer.

**CPBH:** E assim, a gente não tinha nenhum espaço físico para colocar todo esse material que estava se deteriorando. Ele ficava bem embaixo de um banheiro, esse depósito onde colocaram o material, e estava até tendo problema de infiltração de água. Então, nossa primeira tarefa, foi tentar achar um espaço novo para o centro de memória, para poder colocar esse material, e saber o que tinha sido feito no projeto anterior, e o que a gente poderia fazer desse momento em diante.

**CPBH:** E, em 2017, e, em 2018, eu acabei me dedicando a isso. A montar, a conhecer melhor todo esse projeto, e como que a Getúlio Vargas, então, poderia contribuir, com o grupo de estudos. E eu tive bastante ajuda de uma outra professora, que foi a Patrícia Mendes Fildimaque, ela também teve por dois ou três anos envolvida no projeto, e a gente conseguiu um espaço provisório na GV, e a gente conseguiu, então, tirar todo esse material que a gente tinha lá nesse depósito, e organizar, assim, previamente nesse espaço. Acho que a direção também foi bem importante nesse momento.

**CPBH:** Na época, quando eu descobri a existência do projeto, do grupo de estudos, a coordenadora era a professora Regiane Cruz, e ela foi uma grande incentivadora, para eu pegar o projeto e falar: - não, acho que tem o seu perfil, e acho que a GV precisa de alguém, para continuar contando a história e retomar o trabalho que havia sido feito. O diretor era o professor Salerno (José Antônio Galinberti Salerno), ele está até hoje no cargo, e, também sempre apoia, sempre possibilita, esse destino de um espaço físico para a gente. O trabalho é muito grande e a velocidade com que ele acontece não é exatamente o que a gente deseja. Então, a gente conseguiu esse ano só que agora em 2020 um espaço definitivo para o centro de memória. E no começo do ano a gente já transferiu todo o material do espaço provisório para o espaço definitivo. Mas, porém, com a pandemia acabou ficando, a gente não conseguiu trabalhar mais no espaço físico. E durante então esses anos eu me dediquei a conhecer um pouco mais a história da Getúlio Vargas, que acho que é muito grande, e eu não conheço tudo, ainda estou descobrindo, e focando nesse catálogo de livros raros e especiais. Então

eu cataloguei mais de 200 livros que compõem esse catálogo, esse nosso acervo, e o que foi bastante interessante é que eles podem contar a história junto com outros documentos que a gente tem da nossa instituição.

**CPBH:** Então assim, nesses livros a gente tem dedicatórias ao primeiro diretor da escola, temos assinaturas de vários professores que passaram pela escola, então além de mostrar um pouco os cursos que a gente tinha na escola, mostra um pouquinho também dos personagens que construíram a escola.

**MLMC:** Camila, você acha que agora, com aquele trabalho que o Mário Saito fez, ele fez aquele levantamento dos nomes de todos os alunos que se formaram lá, desde 1911, até acho que, não sei se ultrapassou a década de 60, mas foi o período que ele estudou lá, que ele fez Máquinas de Automóveis, e ele é muito grato à escola. Talvez, como lá tem o nome dos cursos, talvez aquele documento possa colaborar para elaborar as fichas de registro de objetos, associando cada livro, cada livro como objeto, e supondo que ele tem relação com aqueles cursos em função da temática. Até esse último artigo que nós estamos lendo do Fabiano Cataldo (Fabiano Cataldo e Maria Lucia de Niemeyer Matheus Loureiro), que ele utiliza o livro como objeto e destaca as marcas, o que eu achei interessante foi alguns referenciais teóricos que ele utilizou e que ele mostra, como nós fazemos, contamos a história do objeto a partir do presente. Cada um de nós vai interpretar de forma diferente, e é isso que vai acontecer no caso das obras raras, mas são pistas que nos ajudam a ir trocando experiências entre nós, entre os que passaram pela escola, e por isso que a gente, inclusive, incluiu revisão nas fichas de objetos, porque a gente vai acrescentando conforme nós vamos fazendo novas descobertas sobre eles. Espero que te ajude bastante esse documento.

**CPBH:** Então esse trabalho do Mário Saito compreende a escola nos períodos que ela estava instalada no Brás, então vai até 1963. Quando, em 64, a Getúlio Vargas é desmembrada em unidades e a unidade do Ipiranga permanece com o nome Getúlio Vargas, aí a gente não tem esse registro ainda, então ele vai até 63. A escola do Ipiranga nasce em 1964.

**CPBH:** É um documento muito valioso esse trabalho que ele fez. A gente tem lá no Centro de Memória e ajuda bastante a entender, conhecer os alunos que passaram por lá, os cursos que eram oferecidos desde os anos iniciais até a década de 60. Ele é uma referência para a gente, sim.

**MLMC:** Você sabe que, voltando a esse Clube de Memórias, que a Júlia Naomi está organizando e está ministrando, o Clube de Memória XXXV, você vai gostar muito do livro que ela recomendou para ler na atividade quatro do Horácio da Silveira. Esse livro eu adquiri num sebo (risos). Faz parte da minha coleção pessoal. É um livro institucional do Horácio da Silveira, só que eu achei que ele seria tão importante para nós, que eu escaneei e coloquei de forma digital no Centro de Memória central. A Júlia nem sabia disso, que esse livro faz parte da minha coleção pessoal. Tanto que, agora, o Carlos Eduardo (Carlos Eduardo Ribeiro) vai fazer o mesmo que ele fez para o Fundo, ele está desenvolvendo o software para as coleções. Porque lá no Centro de Memória, lá no Edifício Paula Souza, eu tenho várias caixas de professores que trouxeram objetos comemorativos, trouxeram material didático e tal do seu período. E eu estou chamando isso de coleção pessoal, porque não é exatamente localizado dentro da instituição, mas faz parte da história da instituição. E daí eu verifiquei esse problema. Eu falei: - olha, esse aqui é da minha coleção e ele está junto no fundo. Então, assim que isso estiver pronto, eu vou tirar dali e colocar no fundo. Mas, o que é interessante nessa obra para a Getúlio Vargas, é que ela trata da Getúlio Vargas. Ele fala de alguns problemas da educação profissional. E ele trata exatamente da criação do curso técnico na Getúlio Vargas. E como ele envolveu o curso técnico, que ele surgiu anexo ao Instituto Profissional Masculino. Como surgiu o curso de Dietistas, anexo ao Instituto Profissional Feminino. Isso que me chamou atenção.

**MLMC:** Outra coisa que me chamou atenção é que na capa é uma doação para uma empresa, esse livro institucional. Então, foi a empresa que depois mandou para o Sebo. Eu adquiri de um Sebo. Agora, eu gostei muito da sua entrevista, você mostrando essa relação, a colocação que teu pai fez e que você seguiu. E isso eu acho uma coisa muito interessante no Centro Paula Souza, inclusive é ter esses profissionais, que eu acho que é uma necessidade, que estão no mercado e estão também na educação, principalmente por ser profissional.

**CPBH:** Sim, eu acho que a gente está formando jovens ou pessoas para o mercado de trabalho. Tanto é que a gente tem as pesquisas que o Centro Paula Souza faz sobre as demandas dos cursos a serem oferecidos. E eu acho importante a gente trazer a experiência profissional para os nossos cursos. Então, a gente tem muito professores, principalmente da parte técnica, que trabalham na indústria e se dedicam às aulas. E assim, na Getúlio Vargas tem alguns professores que eu estou levantando, também com muita história para contar. Temos professores também com mais de 40 anos de escola. Alguns que foram alunos e agora são docentes. Eu tive também o prazer de entrevistar a professora Rozzane (Rozzane Nalli Scaramucci Ruiz) que é do curso de Edificações. Ela foi aluna e é professora há muito tempo

na Getúlio Vargas. Então, a gente tem, eu acho que é bacana que o Centro Paula Souza possibilita a gente formar uma carreira na instituição. Então, a gente vê que as pessoas que entram realmente se dedicam e ficam muitos anos na instituição. E o Centro de Memória da Getúlio Vargas, eu peguei um pequeno pedacinho para trabalhar nesses primeiros anos que eu estou no Centro de Memória, mas tem muita coisa que a gente pode estudar e pesquisar. Eu acho que até somente uma pessoa lá é pouco. A gente poderia ter muito mais professores porque tem uma riqueza que é muito grande o nosso acervo. A gente tem desde os primeiros livros de matrícula dos alunos de 1911. Então, a gente tem muito documento, muita informação para resgatar e para olhar, para desvendar um pouco melhor a nossa história. E a gente tem, eu acho que muitas histórias também são contadas para a gente, que a gente precisa comprovar o que aconteceu e a organização do Centro de Memória é importante nessa questão, para a gente então ter acesso aos dados, aos documentos que comprovem toda essa história. E a gente tem uma reportagem falando que o primeiro automóvel totalmente montado no Brasil foi feito na Escola Profissional Masculina. Só que a gente tem uma reportagem, a gente não tem mais informações sobre isso. Então, seria interessante, eu acho que retomar essa organização do Centro de Memória, que eu ainda acho que está num processo bastante inicial, de pegar tudo que as professoras tinham feito no projeto dos anos 2000 e agora, organizar tudo isso novamente. Eu acho que a gente ainda tem muito trabalho pela frente, mas a gente tem também muitas possibilidades de pesquisa, de descobertas com esse material que a gente tem disponível.

**MLMC:** Então, Camila, sabe, eu acho assim, eu entendo isso que você colocou, que o ideal seria que nós tivéssemos mais professores. No entanto, tudo isso tem um custo institucional, e outro, nós temos várias áreas. Então, eu sempre, eu já fico muito feliz de nós termos o professor Almério Melquíades, apoiando esse projeto há mais de 23 anos, né. Nós, que estamos aí há 12 anos à frente do projeto, dando continuidade a todo esse trabalho, que a Júlia Falivene começou, com o apoio da professora Carmen Sylvia Vidigal Moraes, lá do Centro de Memória da Faculdade de Educação da USP, e principalmente, assim, não é fácil conseguir publicar os livros institucionais todos os anos, porque sempre tem alguns problemas financeiros. Então, eu vou com muita calma negociando, para trazer para o nosso projeto, até porque eu acredito na importância desse projeto para a educação. Então, considerando os problemas que a gente tem, né, de recursos, eu acho assim, o Museu Virtual, que eu quero enfatizar o ano que vem, ele pode contribuir para a gente desenvolver práticas com os alunos. De repente, a gente começar a fazer seminários internos nas instituições, que o professor pode participar para fazer pôster dentro da área dele e se apropriar do Museu Virtual, porque daí ele não vai ter muito trabalho, a informação está ali, ele vai fazer leituras. Porque todos

nós acabamos nos envolvendo com determinadas, assim, a gente faz recortes mesmo dentro das nossas áreas, mesmo como especialista de outras áreas, e o tempo é extremamente escasso, e principalmente depois da pandemia vai ficar mais escasso ainda. Porque a gente teve que se apropriar agora de outras tecnologias que não vão embora mais, e que para produzi-las talvez leve muito mais tempo do que preparar a aula presencial, porque presencial você, enquanto sujeito, está lá transferindo, trocando conhecimento, enquanto para você colocar público, uma apresentação, deixar um vídeo, que você reproduziu, isso requer muitas horas de trabalho. Então, nós estamos vivendo um momento difícil, que nós vamos ter que avaliar por onde nós vamos sair, mas eu acho assim, dentro do nosso campo da memória, a gente vai ter que buscar essas outras saídas para difundir e promover inclusive o que nós fazemos, que, como você disse, dá muito trabalho.

**CPBH:** (hum, hum, ...)

**MLMC:** Eu queria que você falasse um pouquinho, para finalizar a nossa entrevista, como é que você vê o grupo contribuindo, esse trabalho que a gente faz coletivo. A gente faz o trabalho coletivo de formação continuada de professores dentro da Cetec (Unidade de Ensino Médio e Técnico), exatamente com a intenção de preparar os nossos encontros, de projetar os nossos projetos; assim, de fazer um pré-projeto para propor no ano seguinte. Como é que você vê? Tem funcionado? O que poderia ser alterado?

**CPBH:** Eu acho que esses encontros são essenciais para o grupo. Eu acho que nele a gente troca muita informação, principalmente, assim, eu não sou da área de História ou de Biblioteconomia, então, de Arquivo. Então, eu acho que cada um, cada membro do Centro de Memória, traz um pouquinho da sua experiência e aí a gente vai trocando e ganhando. E mesmo porque também algumas informações que têm no meu podem ser as mesmas que tem no de outros, nós somos uma instituição só, apesar de ser muitas unidades, a gente é uma instituição. E, nesses clubes de memórias, eu tenho bastante contato com outros professores, como o professor Paulo (Paulo Eduardo da Silva) da Etec Rocha Mendes, que também foi desmembrada da Getúlio Vargas. Então, muitas peças, que fazem parte da história da Getúlio Vargas, estão na nossa unidade do Ipiranga, quanto na unidade do Rocha Mendes. Então, acho que esse intercâmbio de informações é essencial. Os encontros presenciais eram fantásticos, para a gente poder trocar. Deve ser, de alguns centros de memória que desde o começo dos anos 2000, e continuam ativos. Então eu acho que eles trazem muito material e muitas informações e mostram como é possível manter com um professor mais dedicado e com a direção também apoiando, e que é importante manter. Eu

estou há três ou quatro anos no projeto e nesse período a gente conseguiu muitas coisas e a gente conseguiu a doação de algumas peças com molde de um professor muito importante da escola, e talvez se não tivesse ninguém, na época, se dedicando ao centro de memória, a gente não teria conseguido o acesso a essa doação.

**MLMC:** Que professor foi esse?

**CPBH:** Então, foi o Ferdinand Frick (August Ferdinand Frick) ele foi escultor dos profetas que ficam na porta da Catedral da Sé, ele foi professor de escultura. E hoje a gente tem o molde de uma escultura que ele fez para uma praça de Campinas. A gente inclusive fez uma exposição sobre essas obras e sobre esse professor.

**MLMC:** Ela está na Av. Campos Salles.

**CPBH:** Isso. A gente tem o molde agora e alguns outros trabalhos menores dele. Então ter uma pessoa a frente no Centro de Memória foi importante para a gente receber esse material e entender a importância dele, e, também divulgar para nossa comunidade e até para uma comunidade maior. Inclusive saiu no arquivo do estado...

**MLMC:** Saiu no Diário Oficial do Estado de São Paulo.

**CPBH:** Isso mesmo.

**MLMC:** Muito interessante.

**MLMC:** Camila, você sabe que eu coordeno projetos de Memória no Centro Paula Souza, mas também me apaixonei por uma área quando trabalhava no Centro de Memória da Etec Carlos de Campos, em 2001, e daí ficou essa ligação e eu fiquei fazendo pesquisa no campo da alimentação e nutrição. Quando o filho do professor Francisco Pompêo do Amaral faleceu, em 2015, o neto me passou dois livrões de 250 páginas quase com reportagens, cartas e uma série de documentos que o Pompêo do Amaral montou, como se fosse o nosso currículo lattes de agora. Eu imagino que ele montou isso, pelas datas nos documentos, que ele montou isso quando ele foi concorrer, em 1963, a correspondente nacional na Academia Nacional de Medicina, por que ele precisava entregar um currículo, que eu inclusive localizei lá, durante o meu doutorado, com 23 páginas, e foi fantástico.

**CPBH:** Hum, hum ...

**MLMC:** Ao receber esses dois livros, livros atas, e lendo, porque eu comecei inventariando os documentos para saber quantos documentos tinham nesses dois volumes. Daí eu encontrei reportagens do Pompêo se relacionando com o José Rocha Mendes, que foi deputado. Porque o José Rocha Mendes lutou muito contra a carestia, em meados da década de 50 para o final. E o Pompêo, nesse período, ele ganhou três prêmios nacionais: Leite Problema Nacional e o Problema da Alimentação, e daí, ele era convidado pelo José Rocha Mendes, como técnico e especialista para dar depoimento, então você vê como as informações vão se cruzando e a importância dos arquivos pessoais. E, eu estou contando isso porque por exemplo, o Paulo Eduardo da Silva, ele é curador do Centro de Memória da Etec Rocha Mendes e ele não tinha, ele só tinha uma foto do patrono da escola. E agora, logo que eu tive acesso a esses documentos, eu fotografei e mandei fotos para ele, do patrono mais jovem e atuante. Então você vê como a gente vai trocando informações e vai conhecendo a nossa história. E o que eu acho mais importante nesse nosso projeto para a instituição é conhecer os cursos e os currículos, porque nós temos o Laboratório de Currículos. E então dá para a gente avaliar se houve avanço, se houve retrocesso, e até para evitar retrocesso as vezes. Então eu acho o nosso trabalho, o Almério (Almério Melquíades de Araujo) deve perceber isso, e por isso sempre apoia e estimula e incentiva. Você vê, nós há anos temos mais de vinte projetos aprovados todos os anos para os professores, que eu acompanho dos professores, e nos nossos encontros temos esse objetivo de apresentar os resultados das pesquisas anuais que a gente faz mesmo a distância. Como a gente estava conversando no início, você vê mesmo com a pandemia, dificultou, mas nós não estamos lá nos arquivos escolares, mas aquilo que a gente já dispõe, você vê nós participamos da 18ª Semana Nacional de Museus, participamos da Semana Nacional de Arquivos, e se não fosse um trabalho acumulativo nós não teríamos acesso. Então o site de Memórias que a instituição apoia, e o que a gente está construindo, o Museu Virtual, esse museu está sendo constituído pela luta na Cetec para ampliar o espaço, antes a gente não tinha esse espaço todo, porque o espaço virtual custa e *bites* custa caro. Às vezes, as pessoas me questionam com relação as fichas, porque agora tem um chat para devolver as fichas, e então a gente tem que se preocupar com o que está colocando e agora acrescentamos os links que os artigos que estão no site de memórias, a gente pode registrar. Então dia a dia nos vamos apreendendo uns com os outros. Eu também aprendendo muito com vocês. Eu só estou velhinha na idade, mas trabalhar com vocês é um prazer imenso, porque tem muita novidade. Eu também sou da área de Engenharia, e não da área de Arquivologia ou nem de Biblioteconomia, mas eu vou

estudando e me apropriando e, também dos conhecimentos dessas áreas que são fundamentais para as nossas áreas e inclusive para as nossas áreas que são de tecnologia.

**CPBH:** Sim.

**MLMC:** Então para finalizar Camila eu gostaria de fazer uma pergunta, como eu falei que me apaixonei pelo campo da alimentação e nutrição e nunca mais vou me separar dele, a não ser quando a vida não permitir mais, eu gostaria de perguntar: - o que te apaixona? Tem alguma área, eu tenho visto que você tem escrito na área de arquitetura, e eu inclusive fico muito feliz por você estar fazendo isso, mas eu também gostaria de perguntar isso: - como é que você vislumbra o seu trabalho no centro de memória?

**CPBH:** Então, eu gosto muito da minha área de formação, de Arquitetura, e, Artes eu também gosto bastante, e então eu percebo que eu tendo nas minhas pesquisas, as minhas buscas e nos artigos que eu tenho escrito tendem a contemplar mais essas áreas, que são as que eu tenho mais conhecimento e me aprofundo um pouco melhor. Então sobre os prédios da Getúlio Vargas, a questão da escultura, dessas obras que nós recebemos do Ferdinand Frick, assim como das esculturas. Então eu gosto de conhecer a História da Educação que é importante, mas eu sempre procuro trazer um viés para a minha formação, um olhar para minha formação.

**MLMC:** E que é importante, porque mesmo eu no nosso grupo, quando eu comecei o projeto, eu também tive que priorizar, então o que eu fiz: - eu escolhi Mecânica, Artes, Desenho, porque a continuidade do Desenho é a Informática, e a minha área que era Nutrição, e depois, começou um pessoal com Edificações, são cinco áreas. É lógico que depois se entra um professor. Eu mesmo puxo para a Química e Dietética, porque eu sou Química também, porque fica mais fácil a gente dialogar com aquilo que a gente conhece.

**CPBH:** Sim, com certeza.

**MLMC:** Agora são áreas fundamentais e que vão ficar continuar. Esse ano eu fiz parceria com a Fatec SP, e o curso que eu escolhi - Edificações. Na verdade, eu comecei o ano passado, quando eu convidei a professora Maria Alice (Maria Alice Pius) que eu já tinha convidado há uns quatro anos antes. E esse ano eu comecei a ler sobre Mecânica, Mecânica de Precisão e tal, e eu quero ver até se eu escrevo um artigo sobre isso, mas você vê que está dentro das

nossas áreas, porque eu acho que outras áreas foram derivadas dela. Então, os outros que vierem poderão abordar essas áreas, os novatos.

**CPBH:** Então é importante esse trabalho que o grupo se propõe e é sempre uma construção que a gente se propõe. É um trabalho que não tem um fim. A história continua e a ideia é contribuir para o futuro.

**MLMC:** Camila, eu ficaria conversando com você muitas horas, mas eu vou ter que interromper, e vou transcrever e, depois, eu vou mandar para você conferir, porque em história oral é um trabalho de mão dupla na autoria. Eu vou te mandar os termos de autorização para difundir no site de memórias a transcrição da entrevista. Eu fico muito grata, primeiro por você fazer parte do GEPEMHEP, que muito nos orgulha, e pelo trabalho que você desenvolve na Getúlio Vargas no centro de memória.

**CPBH:** Eu que agradeço a oportunidade e a confiança no meu trabalho. Obrigada.

**MLMC:** Até logo.

**CPBH:** Até.

### **Descritores**

História oral na educação

Memórias do trabalho docente

Docentes em centros de memória

Curadores

Centros de Memória

Camila Polido Baís Hagio

Maria Lucia Mendes de Carvalho

Arquitetura

Designer

Universidade de São Paulo

Paulo Eduardo da Silva

Júlia Falivene Alves

Carmen Sílvia Vidigal Moraes

Almério Melquíades de Araujo

Júlia Naomi Kanazawa

GEPEMHEP

Mario Saito

FAPESP

Historiografia

Escola Técnica Estadual Polivalente

Escola Técnica Estadual Carlos de Campos

Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas

Escola Técnica José Rocha Mendes

Escola Profissional Masculina

Instituto Profissional Masculino

Francisco Pompêo do Amaral

José Rocha Mendes

Instituto Profissional Feminino

Edificações

Fatec SP

Augusto Ferdinand Flick

Pandemia do Covid 19

### **Dados Biográficos da Entrevistada**



**Camila Polido Baís Hagio** - Mestre em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade de São Paulo - FAU USP (2014), pós-graduação em Aperfeiçoamento em Artes Visuais pela UNICAMP (2008) e graduação em Arquitetura e Urbanismo pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho - UNESP Bauru (2005). Trabalha como docente desde 2005 pelo Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, atualmente é professora da Escola Técnica Estadual Getúlio Vargas nos cursos técnicos de Edificações e Design de Interiores. Faz parte do Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional (GEPEMHEP) desde setembro de 2016, atuando com projetos no Centro de Memória da Etec Getúlio Vargas. Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/4034987944000950>

### Dados Biográficos da Entrevistadora



**Maria Lucia Mendes de Carvalho** - Pós-doutora em Museologia e Patrimônio no Museu de Astronomia e Ciências Afins (2017). Doutora em Planejamento e Desenvolvimento Rural Sustentável na Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (2013). Mestre em Engenharia Química pela Escola Politécnica da Universidade de São Paulo (1989). Bacharel em Química pelo Instituto de Química da Universidade de São Paulo (1980), Engenheira Agrícola pela Faculdade de Engenharia Agrícola da Universidade Estadual de Campinas (1980), e Licenciatura Plena pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (1981). Atuou em Centros de Pesquisas das Indústrias Químicas: Rhodia, Aquatec e Oxiteno, como pesquisadora e, posteriormente, gerente de pesquisa e desenvolvimento (1981 a 1995). Professora do Programa de Mestrado Profissional em Gestão e Desenvolvimento da Educação Profissional (2020). É Coordenadora de Projetos na Unidade de Ensino Médio e

Técnico no Centro Paula Souza (desde 2001), coordenando o Grupo de Estudos e Pesquisas em Memórias e História da Educação Profissional e Tecnológica (GEPEMHEP). Tem experiência nas áreas de Ciência e Tecnologia dos Alimentos, de História da Alimentação e Nutrição, e História da Profissão Docente. Organizou os livros Cultura, Saberes e Práticas (2011), Patrimônio, Currículos e Processos Formativos (2013), Patrimônio Artístico, Histórico e Tecnológico na Educação Profissional (2015), Coleções, Acervos e Centros de Memória (2017), Espaços, Objetos e Práticas (2018), Narrativas de Currículos, da Arquitetura Escolar aos seus Artefatos (2020), Concepções, Rupturas e Permanências (2021), Edifícios, Patronos e Diversidade na Gestão Escolar (2022), História Oral na Educação: de profissionais a empreendedores (2023) e os e-books História Oral na Educação: memórias e identidades (2014) e Patrimônio Cultural da Química e da Dietética no Centro de Memória da Escola Técnica Estadual Carlos de Campos (SP): catálogo da pesquisa sobre a arquitetura escolar, artefatos e suas possibilidades de musealização (2017). Fonte: CV: <http://lattes.cnpq.br/2330225376519419> Acesso em; 05 fev. 2025.

**Anexos** (documentos sigilosos e não ficarão aberto online ao público)

Termo de Cessão dos Direitos Autorais de Camila Polido Bais Hagio

Termo de uso de Imagem de Camila Polido Bais Hagio

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido de Camila Polido Bais Hagio